

Relações Raciais: por dentro da escola

Um guia em construção

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação - FAE

Programa de Pós-Graduação: Mestrado profissional
– Promestre – Educação e Docência – Linha de
Pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

ORGANIZAÇÃO

Nilma Alves Adriano

nilmaad480@gmail.com

nilmaa@pbh.gov.br

ORIENTAÇÃO

Professor Dr. Pablo Luiz de Oliveira Lima

PROJETO GRÁFICO

Suzan Mara Correia

Belo Horizonte, 2018

U F *m* G


UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

*"Nada nem ninguém está **fora** do sistema. Provavelmente porque o sistema não tem um dentro e um fora. A questão é saber como funcionamos nele e como ele funciona em nós."*

Gregório F. Barembliitt

Sumário

Apresentação	05
Notas de introdução	07
Introdução	09
1 Entrar, até que entra!	11
1.1 Cotas sociais e raciais: ações afirmativas	12
1.2 Discriminação, racismo e preconceito versus empoderamento	15
1.3 Metá (fora)s	25
1.4 Discurso do ódio	31
1.5 Metáfora: a ironia da questão racial	33
1.6 - Re(agir) é preciso!	35
1.7 E o lápis "cor de pele"	37
2 Nossa seleção	39
3 Para começar	49
Referências bibliográficas	50
Sobre a autora	55

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) leitor(a),

Sentimo-nos honradas por fazer chegar em suas mãos este livreto, fruto da pesquisa de Mestrado intitulada *Discutindo as Relações Raciais – Intervenção em uma Escola Municipal de Belo Horizonte*.

O trabalho de campo tendo o grupo de discussão como estratégia metodológica envolveu, além da pesquisadora, outras quinze professoras em cinco encontros realizados entre março e junho de 2017.

Assim como nós, professoras da Escola Municipal José Madureira Horta, você, ao se interessar por este livreto, faz ou passará a fazer parte do grupo de pessoas que acredita em possibilidades emancipatórias *na e pela* educação.

A proposta de estudo da qual se originou este livreto teve como objetivos principais a reelaboração de conceitos e a superação de desafios do cotidiano escolar, através de intervenções assertivas, numa perspectiva de valorização das diversidades e de construção de relações raciais saudáveis. Isso só será possível com a participação de todos os seguimentos da sociedade.

É um produto dos nossos encontros permeados por experiências de vida, inquietações, inseguranças e aprendizados.

Aqui estão nossas vozes, nossos desejos e algumas ideias de intervenções que, ao serem efetivadas nas famílias, nas escolas e nos diversos espaços sociais, poderão colaborar para o fortalecimento de rela-

ções humanas pautadas no respeito e na valorização das diversidades raciais.

Esperamos que neste material você encontre inspiração para conhecer e contar histórias sobre guerreiros(as), reis e rainhas de alguns dos mais de cinquenta países africanos.

Que as atrocidades da diáspora e da escravidão, ao serem lembradas nas escolas, sejam associadas à resistência e ao legado histórico e cultural que fizeram do Brasil um país de riquezas únicas e imensuráveis.

Que nossa produção possa contribuir para reelaborações de conceitos e práticas cotidianas em prol da justiça social, da igualdade racial e da democracia.

Notas de Introdução

1. Ao longo dos trechos e textos a seguir, alguns termos (substantivos) estão flexionados por x ou X. Ao me referir a "O (A) aluno (a)", por exemplo, utilizo "X alunx". Esta adequação pretende articular o debate da igualdade de gênero e evitar preciosismos frente à heteronormatividade que, em tempos idos, em muito negligenciou grupos de mulheres e de pessoas do seguimento *LGBTs*¹.
2. Nos trechos referentes às discussões:
 - a. palavras e frases entre *parênteses* foram acrescentadas pela autora;
 - b. os trechos em *itálico*, dentro dos balões, ocupam-se de relatos de experiências, concepções e algumas das questões colocadas em debate pelas professoras;
 - c. os trechos entre aspas e em itálico remetem a discursos proferidos em **outros espaços, por outros sujeitos não envolvidos na pesquisa**;
 - d. exceto o nome da autora deste livreto, os demais foram trocados para preservar a identidade das participantes;

¹ (FARIA, 2017, p. 9). LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>. Acesso: 10/11/2017.

- e. Para dinamizar a leitura introduzi as abreviações: **p.** (professora), **a.e.f.** (ano do ensino fundamental), **a.d.r.** (autodeclaração racial), **j.c.** (já citada).
3. Os filmes sugeridos no item 2D (pág. 45/46), baseados em **histórias reais**, foram cuidadosamente selecionados para dialogarem com os pressupostos da pesquisa e deste livreto, *spoilers* ou sinopses foram dispensados para ceder lugar às suas próprias interpretações.

Apresento com satisfação essa parte dos nossos encontros, acompanhando os resultados das nossas discussões e das nossas reflexões, em nossa escola e em nossas posturas frente aos desafios colocados pela diversidade, em um país estruturado sobre as perversidades produzidas pelo mito da democracia racial.

Esperamos com isso, colaborar para que famílias e professore(a)s aproveitem-se destas, e criem suas próprias estratégias de intervenção diante do racismo e das práticas de discriminação. Este livreto está em construção e aberto a críticas, sugestões e novas ideias.

Cordialmente,

Nilma A. Adriano e colaboradoras: Professoras da E. M. José Madureira Horta - Belo Horizonte/MG.

Introdução

Somos herdeiros de um legado colonial, de um regime escravocrata e de um mito de democracia. Cinco séculos que mantiveram os afrodescendentes brasileiros à escória da sociedade produzindo e escancarando as grandes desigualdades econômicas e educacionais.

A quase totalidade dos postos de trabalho que melhor remuneram, dos cargos políticos e do setor empresarial são ocupados por homens brancos, enquanto a maioria de pessoas encarceradas, assassinadas e desabrigadas são negras².

Ora, em uma sociedade onde 51% da população se autodeclara negra, essa divisão tão desigual evidencia que no Brasil o racismo é fruto de uma estrutura muito bem arquitetada pelo discurso forjado de igualdade de oportunidades³.

Esses fatores têm relação direta com a falta de equidade e de qualidade na educação para a compreensão de que:

2 Ver dados da pesquisa de WAISELFISZ, Julio J. – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - Flacso – 2016.

3 Ver pesquisa de PETRUCCELLI, José L. et al. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - 2013.

Não basta saber ler que “Eva viu a uva”. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho⁴.

Convido-lhes a pensar, como dizia *Foucault (2010)*, sobre uma ação política de grupos, de engajamento pessoal e físico, uma intervenção que tem a ver com “*acontecimentalização*” no sentido de reencontro de conexões, de encontros, de apoio, de jogos de força, das estratégias que do meu lugar de mulher negra entendo: “*acontece*” na escola, mas não diz respeito somente a ela.

Por isso, é um convite extensivo às famílias, educadorxs e estudantes para que então aconteça “*Ubuntu*”⁵ entre nós!

4 *FREIRE (1987)*

5 Palavra de origem Bantu que remete à ética ou à ideologia de todo continente africano. Significa: “sou o que sou porque SOMOS TODOS NÓS”! Na definição do Arcebispo Desmond Tutu (África do Sul), uma pessoa com Ubuntu está aberta e disponível aos outros, não preocupada em julgar os outros como bons ou maus, e tem consciência de que faz parte de algo maior e que é tão diminuída quanto seus semelhantes que são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos. (<http://www.espacoubuntu.com.br/a-filosofia.html>)

1. Entrar, até que entra!

Educar para as relações raciais não implica em reverter os polos de hierarquização racial, nem optar pelo afrocentrismo em oposição ao eurocentrismo.

Trata-se, ao contrário, de fomentar, tanto nas escolas como nos diferentes espaços da sociedade brasileira, práticas pedagógicas capazes de proporcionar interações sociais valorizadoras das diferentes identidades e características étnicas e culturais de crianças, jovens, adultos e idosos⁶.

Nesse sentido, nosso trabalho busca problematizar as disparidades sócio-políticas que ultrapassaram os mais de 300 anos de escravidão no Brasil, quando xs negrxs foram forçadx a trabalhar, sendo vistxs, mesmo assim, como "preguiçosxs", "vagabundxs".

Lá nos EUA isso é tão (evidente) e no Brasil o preconceito é tão dirimido que a gente não consegue criar revolta.

Aqui no Brasil não há segregação, é pior, o negro nem vai. Isso aconteceu comigo e eu posso falar.

Eu trabalhava na favela, trabalhava na pedreira, saí com meus alunos. A gente foi para um teatro... E entrou em uma escola particular. Um dos meus alunos levantou-se e disse: "Professora não tem menino preto nessa escola não!"

E aí caiu a ficha de que nem entra...

Amana, p. 5º a.e.f. - a.d.r.: parda

Entrar até que entra, mas em lugares marcados por uma estrutura de desigualdades social. X pretx (meninx, homem, mulher) entra para atender às necessidades dos outrxs trabalhando na portaria, na cantina, na faxina enquanto tem suas próprias e mais básicas necessidade negadas.

A "monocromia" desses espaços em um país onde impera a miscigenação é o que deve nos provocar.

1.1 Cotas sociais e raciais: ações afirmativas

As ações afirmativas são medidas que implicam no exercício de pensar em diferenças dentro do coletivo para reparação das condições de desigualdade a que estão sujeitas minorias políticas, seja em função da raça, gênero ou condição social.

São ações emergenciais e temporárias que visam a redução das injustiças sociais tão marcantes na sociedade. Essas medidas devem ser

substituídas por uma educação de qualidade nos sistemas públicos de ensino desde as séries iniciais. Nesse sentido, quando brancxs e negrxs estiverem proporcionalmente representadxs nas estruturas políticas, econômicas e sociais, as cotas raciais serão desnecessárias.

Nilma

Desigualdade racial é toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência, origem nacional ou étnica.

A Lei nº 8.112/90 reserva 20% de vagas para pessoas com deficiências físicas nos concursos públicos; a Lei 9.504/97 dispõe sobre a candidatura de no mínimo 30% de mulheres a cargos políticos; Lei nº 12.711 de Agosto de 2012 reserva no mínimo 50% das vagas em instituições federais para estudantes egressos de escolas públicas, mas é a lei de cotas raciais que provoca reações do tipo:

“O que quebra nossos filhos são essas questões de cota, bota o pretinho infeliz pra estudar lá. E o neguim tira a vaga dos nossos filhos, não tem condição nenhuma de formar, só pra abusar mesmo, tirar a vaga da pessoa... negro é só assinar e passa.”

Jasira - p. 5º a.e.f. - a.d.r.: preta

Ou seja, “as cotas só ofendem quando vem associadas à palavra negro”⁷.



Imagem A⁸

Esses discursos não são raros e provavelmente quem os desfere conhece bem histórias como a de Serafina.

7 Elio Gaspari, *O Globo*, 28/08/2001. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2608200118.htm. Acesso em 10 de Dezembro de 2017.

8 Montagem sobre a obra de J. Baptiste Debre, *Retorno de um proprietário. Viagem pitoresca e histórica do Brasil – 1834 -1839*. Fonte: *cartapotiguar*, postado por Gustavo Barbosa. Publicação: 20 de novembro de 2012. Acesso em 12 de dezembro de 2017. http://www.cartapotiguar.com.br/wp-content/uploads/2012/11/cotas_raciais_usp_r_sp.jpg

1.2 Serafina: discriminação, racismo e preconceito versus empoderamento

Nós éramos duas Serafinas, eu muito branca e ela (amiga) negra. Nós saímos do mesmo lugar, tínhamos a mesma formação, fizemos estágio juntas, e eu consegui (a vaga de emprego) e ela não.

Serafina - p. 5º a.e.f. - a.d.r.: branca



Imagem B⁹

9 Desabafo social – O mito da meritocracia. 05 de novembro de 2015. <http://desabafosocial.com.br/blog/2015/11/05/mito-meritocracia/>

Discriminação racial ou étnico-racial¹⁰: pode ser traduzida como barreiras geradas por toda distinção, exclusão ou preferência baseada na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o conhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. Discriminação racial¹¹ é, portanto, o racismo e o preconceito materializados em ações e condutas que desqualificam e inferiorizam um grupo em detrimento de outro.

Já o **racismo** é doutrina que defende a superioridade de certos grupos raciais e étnicos. É um modo hierárquico de classificação dos seres humanos que os distingue com base nas propriedades físicas e nos marcos culturais.

Não ser negro é fugir desse estigma. Se você é pobre e tem um filho que não é negro, você sabe que seu filho na rua não vai ser confundido com pivete como você foi.

Amana - j.c.

10 Estatuto da Igualdade racial, Lei 12.288/2010.

11 Igualdade das relações étnico-raciais na escola, 2007.



Imagem C¹²

Eu já passei por isso¹³, da pessoa me perseguir (em um estabelecimento comercial), mas eu imagino que realmente seja muito maior (quando se é negro). Eu já passei e sei como que é ruim.

Serafina - j.c.

12 <http://amaepreta.com.br//wp-content/uploads/2016/03/charge-risco-de-morte.jpg>

13 Assista ao vídeo: "O preconceito cega". Duração: 4'39". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M3Bf118N_k

Preconceito racial é opinião que se emite antecipadamente com base em informações acerca de pessoas, grupos, sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio negativo.

Empoderamento racial: Empoderar-se é reconhecer-se enquanto sujeito social, político, autor da sua própria história e capaz de lutar por direitos que não são só seus, mas também de um grupo. Empoderamento é singular e é plural. Singular no sentido de que é um processo individual e pode ocorrer pelas mais diferentes motivações. Plural porque por meio do empoderamento aprendemos que a luta é coletiva, em prol de outros sujeitos¹⁴.

O processo de empoderamento, de conhecimento sobre si, pode nascer, se desenvolver ou ser minado na/pela família/escola.

Brincava com meu pai e com livros de países, então eu sabia. Eu nunca li um conto africano, já li indígena, africano eu não conheço... a proposta vai ser essa, então eu vou ler sobre a história da África. Conheço algumas coisas, sou apaixonada pela África do Sul, e vai ser uma grande oportunidade para que eu cresça.

Amana - j.c.

A afirmação da identidade das crianças negras deve ser iniciada nas famílias.

X meninx fala assim: "mas eu não gosto do meu cabelo. (por isso uso o boné)".

Mas aí é ao contrário, você tem que passar a gostar do seu cabelo, você não vai poder ficar o resto de sua vida de boné...

Acho que o tempo inteiro esse é o papel da escola, (da família e da sociedade): resgatar a identidade. Ele tem que gostar daquilo que ele é... ele pode até usar de outra forma, porque ele tem que procurar fazer o bonito daquilo que ele tem e não impede que ele faça diferente várias vezes, mas o que ele não pode é sair se escondendo.

Serafina - j.c.

Na praia a mãe, os primos, a família brinca e ri (falam com a criança de 2 anos): "ela já é queimada, macaquinha...". Você fala isso na sua família, mas se alguém em qualquer outro ambiente tem a mesma fala, isso vai te doer.

Assim como outras crianças nessa faixa etária, a menina está em processo de formação.

Uma brincadeira? Pra vocês dentro de casa é normal, mas se alguém falar isso com seu filho, ele está preparado para isso?

Porque quando eu vi isso nessa família, não gostei. Eu me senti mal demais, estávamos na praia e vi a mãe falando isso para a filha... a gente tem que respeitar e eles próprios estão se desrespeitando, não gostei... eu não me senti à vontade com isso.

As coisas são muito naturais, a gente acha que aquilo que está dentro de nossa família é natural. Quando a mãe fala assim (ela acha que) não é uma agressão, ela não está agredindo. Por isso que é a importância da escola, a escola entra para quebrar o que a gente acha que é natural.

Para mim o mais grave é que a criança negra não quer uma boneca negra (não acha bonito). Isso está tão arraigado que se a gente abrir uma loja que tenha só bonecas negras será que vai vender? O que é belo? Qual o nosso conceito de belo? É uma coisa que a gente tem que criar na criança... todo mundo só vê na televisão o branco, é o que é bonito ali. Porque o preconceito vem embutido dentro do conceito de beleza. Aquilo que a gente acha que é belo.

Amira - p. 3º a.e.f. - a.d.r.: branca

As palavras e ensinamentos respeitosos em casa são aprendidos pelas crianças, da mesma forma, a revolta é introjetada e potencializada por ofensas sofridas nos diversos espaços de convivência.

O conceito de belo não é a raça negra. Aí hoje a gente tem uma valorização do negro que é extremamente importante, mas a gente ainda tem que continuar, porque ainda não é o conceito de belo. Você vai ver gente falando "que cabelo sarará". Na minha família tem muita gente preconceituosa, fala assim "olha o cabelo sarará desse cara", eu falo: deixa o seu crescer que vai ficar igual... porque o brasileiro tem o cabelo crespo... a grande maioria tem cabelo crespo... nós somos frutos de miscigenação.

Amana - j.c.

Desde a educação infantil...a brinquedoteca, o espaço do brincar da criança tem que oferecer boneca loira, mas tem que oferecer boneca negra, com cabelo de todos os tipos.

Karima - p. coordenadora - a.d.r.: preta

Se você for pensar, há 30 anos não tinha uma princesa negra na Disney, de ter uma Moana de cabelos cacheados, a gente já tem certas coisas... mas ainda no tanto que tem arraigado dá uma desanimada. A Doutora Brinquedos é negra... a Dora mestiça...

Essa pessoa formada nessa escola já vai ser um pai e uma mãe diferentes. Eu acredito que tem que começar com a parceria da família porque a primeira base de valor e de moral e da ética é na família sim, mas a escola tem que entrar com o contraponto porque aí é que se vai formar pessoas diferentes de nós.

Jamila - p. 3º ao 6º a.e.f. - a.d.r.: branca

A menina com seis anos sofreu preconceito na escola, cabelo anelado, crespo e muito grande... a menina passando por esse processo de aceitação e a mãe fez progressiva e mudou o (próprio) cabelo, isso é um conflito para a criança mesmo... acho que tem que sair da família, para encorajar a filha para enfrentar isso lá fora.

Amira - j.c.

Às vezes a pessoa fala dessa forma "você é um negro **mas** você é lindo¹⁵".

Karima - j.c.

Ser negro não impede ninguém de ser lindo...

Jasira - j.c.

Então devemos perguntar: o que esse "mas" faz aí?

A música também é um recurso "empoderador". Trata-se de um agente cultural capaz de contribuir significativamente na construção da identidade, do caráter, da consciência e da inteligência emocional do sujeito, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, além de proporcionar um estado agradável de bem-estar. Facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio e pode ser uma atividade divertida¹⁶.

Nas escolas e em casa, as músicas podem ser usadas para ensinar sobre a história de luta do povo negro e provocar reflexões sobre o quanto podemos usar o conhecimento para discutirmos as relações raciais diante da opressão e colaborar no processo de emancipação das pessoas.

15 Assita o vídeo de Gustavo Gomes S. dos Santos. 3 min. <https://www.youtube.com/watch?v=mo-on7ikYi4>

16 MOREIRA, 2014

E sempre tem uma saída na vida da gente. Inclusive quando é uma situação que oprime. Nós somos oprimidos, mas tem saída. Qual é a saída? Eles (negrxs) acharam. Eles se identificaram. Estão tentando até hoje. Mas eles estão tentando.

Jamila - j.c.

Qualquer luta tem que vir do meu conhecimento, do que motivou e me levou àquela luta. A gente precisa ser muito forte para assumir e aceitar que essa luta não acabou não, no nosso país não. Que a gente vai continuar até não ter mais esse preconceito.

Eu sou de uma religião que não é africana, que é uma religião que foi criada no Brasil, e que por todo mundo achar que é uma religião africana, quando eles olham para mim, eu sou umbandista, a pessoa já olha e já remete... entendeu? Assim, sem um conhecimento do que realmente é, de onde veio.

Aisha - p. 3º a.e.f. - a.d.r.: parda

1.3 Metáforas

A metáfora consiste em retirar uma palavra de seu contexto convencional (denotativo) e transportá-la para um novo campo de significação (conotativa), por meio de uma comparação implícita, de uma similaridade existente entre as duas¹⁷.

É nesse sentido que os termos *negrx*, *pretx*, *escurx* relacionados a pessoas com sentido pejorativo devem ser suprimidos ou trocados. Não simplesmente por ser, mas como pressuposto de enfrentamento ao preconceito em uma sociedade em que *x negrx* é visto geralmente com os atributos negativos: desonesto, preguiçoso, incapaz, etc.

X falante, às vezes de forma inconsciente, incorpora a linguagem através das metáforas e de outros elementos do discurso, introjeta o preconceito racial. Assim, as palavras *negrx/pretx* vão sendo reproduzidas nas inúmeras metáforas que associadas às pessoas, as deslustram¹⁸.

Será que a gente falar "tá na lista negra" vai ofender aquelx meninx se ele sequer se reconhece como negrx? A grande maioria das crianças (diz): não, eu sou morenx, eu sou morenx!

Jasira - j.c.

17 Veja mais em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/metafora-figura-de-palavra-variacoes-e-exemplos.htm?cmpid=copiaecola>

18 PAIVA, (1998)

O problema do racismo e do preconceito presentes nas frases aparentemente inofensivas não se encerra no fato da pessoa NÃO se reconhecer como negra. Muito pelo contrário! É aí que se instaura a questão do racismo velado como existe no Brasil.

*Há uma violência simbólica em frases como "você está na lista **negra**" ao associar o termo "negra" mais uma vez ao que é negativo. Esse tipo de discurso não faz falta em nosso vocabulário. Não se trata simplesmente de evitá-los, mas sim, de assumir o compromisso de contribuir no combate ao racismo.*

Quando essa mudança se interioriza em nós, automaticamente as falas, os procedimentos mudam e com isso o outro também acaba mudando.

Quando se consegue entrar nesse processo de conscientização, a gente se empodera, se transforma e influencia o outro, porque as nossas práticas passam a ser diferentes, em função de nós mesmxs, mas também em função do outro.

Nilma

Muitas expressões usadas na linguagem cotidiana, como provérbios, músicas e narrativas folclóricas re-

produzem a ideia da pretensa inferioridade da raça negra associada às trevas primordiais¹⁹.

As metáforas negativas são disseminadas em expressões como:

1. "**câmbio negro**": comércio ou transação ilegal;
2. "**prejuízo preto**": prejuízo imenso;
3. "**caixa-preta**": falta de transparência;
4. "**lista negra**": relação de coisas ou pessoas consideradas prejudiciais;
5. "**humor negro**": humor que choca pelo uso de elementos mórbidos ou macabros;
6. "**magia negra**": bruxaria;
7. "**peste negra**": doença que assolou a Europa na Idade Média;
8. "**ovelha negra**": pessoa ou entidade que se destaca pelo mau procedimento;
9. "**besta negra**": inimigo, problema de difícil solução;
10. "**asa negra**": pessoa que prejudica ou embaraça um grupo com frequência.

E dá pra recomeçar mais uma lista²⁰:

1. "**serviço de preto**": expressão usada para desqualificar um trabalho. Se estiver mal feito o ser-

19 MENEZES (1998).

20 MENDÉZ (2016).

- viço é de preto, mesmo se pessoa branca o tiver executado;
2. "**a coisa tá preta**": situação desagradável, ruim;
 3. "**denegrir**": associado à difamar, tornar negro;
 4. "**inveja branca**": até a inveja se for branca é boa, positiva. Não é?
 5. "**da cor do pecado**": Isso não é uma expressão que remete a um adjetivo positivo, é simplesmente uma ofensa racista mascarada de exaltação à estética e, quase sempre, direcionada a mulheres negra;
 6. "**morenx, mulatx**" (seguidos de **tipo exportação**): o objetivo é dar um tom mais ameno ao termo "negrx" evitando usá-lo. Negar a condição de "ser negrx" a alguém e transformar a pessoa em "morenx" ou "mulatx" é racismo;
 7. negrx de "**beleza exótica**" ou com "**traços finos**": aqueles próximos ao que a branquitude pauta como belo, que é o padrão de beleza europeu. Sim, isso é racismo, e dos mais comuns que a gente vê por aí, estão nos hipersexualizando e exotificando quando usam essas expressões;
 8. "**não sou tuas negas**": a frase dá ideia de que com negras pode tudo, e com as demais não se pode fazer o mesmo, e no tudo está incluso desfazer, assediar, mal tratar, como no tratamento dado às mulheres negras escravizadas quando assédios e estupros eram recorrentes e "permitido";

9. **"cabelo ruim", "cabelo de Bombril", "cabelo duro"** e, a mais desnecessária, **"quando não está preso está armado"**: frases usadas para depreciar os cabelos crespos, principalmente na criança produzem a baixa autoestima, e a não aceitação do cabelo Afro. Falar mal das características dos cabelos dos negros também é racismo;
10. **"nasceu com um pé na cozinha"**: expressão que associa negrxs (sempre) a serviços domésticos. Pós-abolição, continuamos sendo estereotipadas como as mulheres da cozinha, já que somos maioria nos serviços domésticos;
11. **"barriga suja"**: diz-se da mulher que gera um filhx negrx, considerando a gravidez suja, impura. Expressão de imenso cunho ofensivo, cruel e racista. Precisa ser erradicada!

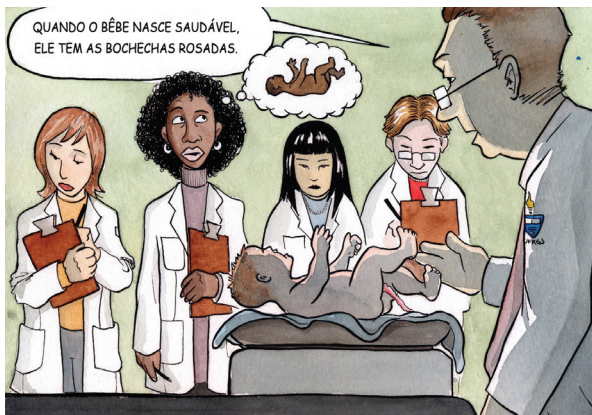


Imagem D²¹

Existem inúmeras outras expressões que evidenciam o racismo no cotidiano, e, infelizmente, muitas pessoas, mesmo sabendo dos fatos e tendo acesso às explicações, vão dizer que tudo é pura banalidade e, provavelmente, continuarão usando essas palavras e expressões.

Quando apontamos o racismo, a tendência é ouvirmos algo como “não sou racista, tenho amigos e/ou parentes negros”, ou ainda “eu conheço um negrx e ele não liga”. O mais irônico é que, quando um negrx reproduz conceitos racistas, que vão desde achar que não existe racismo a não se incomodar de ser chamado de mo-

21 http://3.bp.blogspot.com/_XWW9QtkdD18/TIA3mEGk1ji/AAAAAAAAAAt8/O7TH1_oXBpM/s1600/Charge+2+-+finalizada.jpg

renx, ou achar desnecessárias todas essas explicações aqui dadas, ele logo é taxado como sendo "um negrx de alma branca". Traduzindo: usam uma fala racista para "louvar" seu comportamento não questionador. Tudo isso faz do racismo "*um crime perfeito*"²²:

O racismo é uma ideologia e só pode ser reproduzida se as próprias vítimas aceitam, introjetam e naturalizam essa ideologia. Além de pessoas que discriminam grupos diferentes dos seus e por se acharem superiores, sentem-se no direito de terem lugares reservados na sociedade. Se não reunir essas duas condições, o racismo não pode ser reproduzido como ideologia. Mas toda educação que nós recebemos é para poder reproduzi-la!

As metáforas, portanto, ajudam a reforçar as ideologias, estar atentx aos seus usos é uma forma importante de enfrentamento ao racismo.

1.4 Discurso do ódio

De forma genérica, discurso do ódio é qualquer ato de comunicação que inferiorize ou incite a discriminação, a violência ou a hostilidade contra uma pessoa ou grupo, tendo por base características como raça, gênero, etnia, nacionalidade, religião, orientação sexual ou outro aspecto passível de discriminação²³.

22 Kabengele Munanga - Revista Forum, 2012.

23 https://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso_de_odio

E aí quando esse tipo de discurso se soma a algum problema patológico, à ignorância e à falta de caráter, afirma o professor Karnal²⁴, tem-se o racismo.



Imagem E²⁵

Levei meu filho para assistir uma palestra. Cheguei lá, a pessoa que tá palestrando faz o discurso do ódio... negrx fazer o discurso do ódio contra o brancx, tá certo isso? ... Não tá!

Jasira - j.c.

24 Leandro Karnal. Racismo é baixa inteligência e falta de caráter. IN: Discriminação e preconceitos. 02/01/2016. Disponível em <https://www.geledes.org.br>. Acesso em 02 de Dezembro de 2017.

25 Fonte: http://evandrooliveira.pro.br/wp/wp-content/uploads/2016/11/Racismo_Chargesonline.jpg

1.5 Metáfora: a ironia da questão racial

Gente, o pior é isso, o pretx ser preconceituoso...

Zarifa - p. 3º ciclo e.f. - a.d.r.: p

Minha mãe casou com negro e nós somos negrxs, mas ela tem umas falas preconceituosas. Tipo está passando a novela "Escrava Isaura", ela fala "abriram a porta da senzala". Quando a questionamos ela diz que está só brincando.

A medida que eu ia aprofundando mais no interesse, buscando essa temática da questão étnico racial eu percebi que fiquei mais chateada de ver uma pessoa negra falar (mal) do próprio negrx.

Karima - j.c.

É uma ironia da questão racial: xs próprixs negrxs ou pessoas que se posicionam contra o racismo agem como veículos inconscientes de disseminação das metáforas negras e usando-as, muitas vezes, em contextos onde procuram defender a raça e sua cultura. Ouvimos pessoas da raça negra dizendo que "a coisa está preta" ou utilizando o verbo denegrir. Denegrir significa:

- em seu sentido literal: tornar negro, escuro, enegrecer, escurecer;

- no sentido metafórico: significa manchar, macular; desacreditar, desabonar, difamar²⁶.

Então, reafirmando, se o uso dessas palavras só realimentam o racismo, podemos descartá-las e juntas, escola, academia e comunidade, devem discutir propostas pedagógicas voltadas para a valorização das diversidades. Assim estaremos caminhando em direção à educação de qualidade que tanto almejamos.

E a escola não pode ser um mundo com os muros afastados do que está acontecendo lá fora.

A gente tem que trazer as coisas pra dentro da escola, por estar nesse lugar de professor(a) e na medida em que a gente debate com o grupo (e com as famílias) é que essas opiniões vão argumentando e contra-argumentando e as cabeças vão pensando juntas e a gente consegue.

Estando nesse lugar (de professora, pai, mãe, responsável), você tem que ficar de um lado, o lado que for o lado da proposta da escola (que precisa contemplar a diversidade racial, religiosa, cultural e de gênero).

Essxs meninxs que foram trabalhadx com uma cabeça diferente já chegarem a ser professores e professoras, (pessoas) diferentes, mas elxs têm que acreditar, a gente tem que tentar!

Eu como professora não posso fazer o que eu quero, eu tenho que fazer o que esta na proposta pedagógica que eu acredito, que é da minha escola, que nós discutimos juntxs!

Karima - j.c.

1.6 - Re(agir) é preciso!

As definições encontradas para a palavra reagir vão ao encontro dos objetivos deste livreto. Além de resistir, lutar, significa:

- exercer reação;
- entrar em reação;
- responder de uma certa maneira a uma ação, a um acontecimento;
- opor a uma ação outra que lhe é contrária²⁷.

Quando a gente conseguir trabalhar a valorização da pessoa, a pessoa se autovalorizar, se reconhecer, respeitar a diferença da diversidade, será um grande passo. Porque se eu reconheço quem eu sou, minha raça, minha cor, meu grupo social, se eu respeito o outro, já fica fácil também de diminuir muito esse preconceito, essa discriminação.

Lila - p. 3º ao 5º a.e.f. - a.d.r.: preta



Mural ¹⁸

Você acha que os meninos falavam comigo o que falam hoje?

Pois eu acho bom esses meninxs reagirem! A gente tem uma "cultura do engolir". Principalmente a gente que é mulher, acho que a gente tem uma cultura de que quem é educado é quem fica calado, o mal educado é o que responde e às vezes não precisa ser grosso, não precisa ser mal educado, mas o responder te acorda também, pra quebrar um pouco isso.

Então o outro é muito responsável por essa mudança na gente. Eu acho que já ouvi muito: an-

28 fonte: mural da E.M.J.M.H. - montagem: (sem assinatura)

tigamente que era bom que os meninxs ficavam calados, antigamente os meninxs não respondiam a gente não, antigamente que era bom, porque... mas essa forma dessa reação desses meninxs, a gente tem que parar e ouvir que eles estão gritando por mudança.

E a gente também não tem que se horrorizar com aquilo que os meninxs estão falando, porque o professor(a) é exigido de forma que a gente tem que ser super-humano, e a gente muitas vezes não tem uma formação pra isso e a gente acaba se assustando. E agora o que eu faço? O que eu fiz de errado? A vida é essa, todo tempo eu vou falar de forma errada, depois falo de novo diferente.

Amana - j.c.

A fala de Amana nos dá a dimensão do que está engendrado em nossos discursos, nos discursos que nos atravessam e no que eles carregam de informação, de desejo, de necessidade. O discurso é fonte de vida, mas quando proferido a favor da intolerância se torna abominável.

1.7 E o lápis “cor de pele”

A criança aprende cedo que “cor de pele” é aquele lápis meio rosado, meio bege. Mas é evidente que o tom não representa a pele de todas as pessoas, prin-

principalmente em um país como o Brasil. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, realizada pelo IBGE, 53% dos brasileiros se declararam pardos ou pretos²⁹.

*"Professora me empresta o lápis 'cor de pele'?"
Aí eu parei a aula e falei: "gente, vamos pensar, como esse lápis é cor de pele? Mas e minha cor? Qual colorido que representa minha cor colorida?" "Marrom". "Então, temos vários tons de pele".*

Lila - j.c.

Com meninx de seis anos eu já estou quebrando o estigma da cor de uma forma lúdica e tal (...) mas alguém ensinou que (o lápis) é a cor da pele e aí vc tem que quebrar (os estigmas sobre a pele negra). Sair desse lugar comum é muito importante, a gente tem que estudar (e ter uma educação de qualidade) para sair desse lugar comum).

Amana - j.c.

2 Nossa seleção

A) Para você refletir:

Quem sofre preconceito em função de aparência física, gênero, condição social, religião etc. provavelmente está diante de alguém que "sofre" de ignorância e insegurança e isso não minimiza o problema. O racismo é crime!

O racismo é um entrave para o desenvolvimento do país, é prejudicial para todas as pessoas, é uma mazela social e precisa ser combatido diariamente.

Colocar em foco imagens de pessoas em situações de sofrimento e dor não contribui positivamente para o enfrentamento das desigualdades sociais, raciais e étnicas.

B) Para conhecer:

Lei nº 7.716 de 1989: Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

Lei nº 9.394 de 1996: Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Lei nº 10.639 de Janeiro de 2003 e Lei nº 11.645 de Março de 2008: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena são conteúdos obrigatórios no estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Lei nº 12.711 de Agosto de 2012: Cotas para cursos de graduação em instituições federais.

Lei nº 12.990 de Junho de 2014: Cotas em concursos públicos.

C) Para lembrar e praticar:

Cantar, dançar ou representar são **experiências positivas** se contemplam a diversidade sem produzir constrangimento, vergonha ou incômodo. Atentemos aos textos, músicas, livros literários e didáticos e quando for o caso, questionemos e/ou denunciemos o que estiver em desacordo com as práticas que almejamos.

Se estamos realmente interessadxs em mudança, precisamos refletir sobre o que representou a abolição de 1888:



Imagem F

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/wp-content/uploads/2015/05/nao-existe-racismo-no-brasil.jpg>

E ainda:

- reconhecer e repensar sobre as lacunas ainda existentes nos sistemas de ensino e modelo eurocêntrico que sempre prevaleceu no Brasil;
- ler outros textos, contar outras histórias, investigar sobre a história africana e afro-brasileira, aprender e ensinar os valores e as pluralidades culturais com base no respeito e na alteridade;

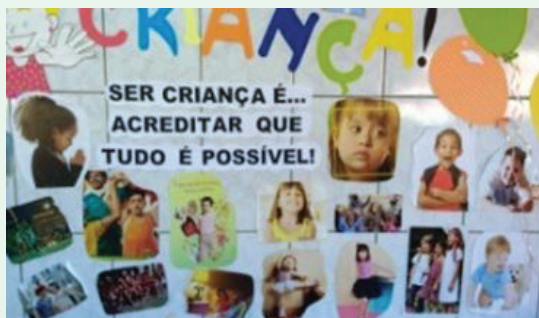
- reconhecer as potencialidades do ser humano. Pessoas negras não precisam ser aduladas, muito menos vistas como coitadas, ao contrário, precisam resgatar a riqueza de saberes que a diáspora africana quebrou, a escravidão desumanizou e que o racismo deprecia;
- entender que estes apontamentos não sugerem sobreposição de conteúdos nem favorecimento de uma cultura em relação à outra, mas sim abertura para uma justaposição de saberes intrínsecos à nossa realidade sócio-cultural;
- compreender o distanciamento entre o ideal democrático e a real situação da população afrodescendente no Brasil.

C.1) Esteja atento:

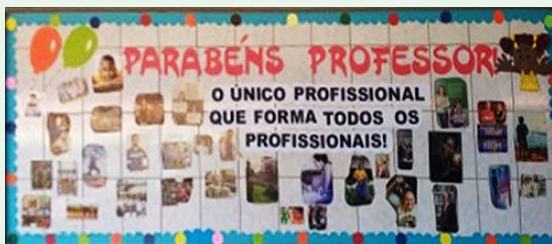
Se a escola que você conhece, trabalha ou estuda não valoriza a diversidade. Se você, pretx, branx, pardx não se sente representado positivamente nos discursos, nos murais, nos comunicados em geral e caso se depare com conteúdos ou atitudes de cunho preconceituoso ou racista que induzam à práticas discriminatórias, **procure a coordenação, professorxs e gestorxs para uma conversa e exija mudanças.**

Observe o contexto, analise as falas e as imagens nos brinquedos, nas capas de livros, nos murais e quadro de avisos da escola que você frequenta, da empresa em que você trabalha, nos cartazes afixados nos meios de transporte. Se as pessoas da sua comunidade, do seu bairro, do seu município ou país não estiverem representadas de forma positiva e equitativa, há muito o que fazer!

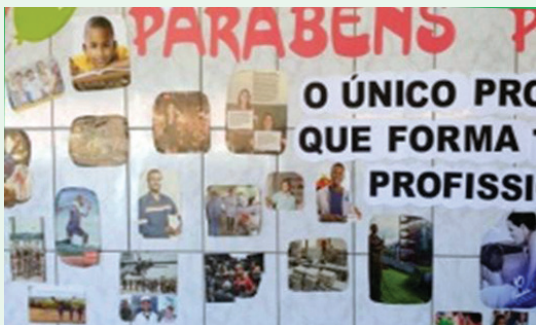
Seguem os murais produzidos na escola em 2017, (sem assinatura):



Mural II



Mural III.A



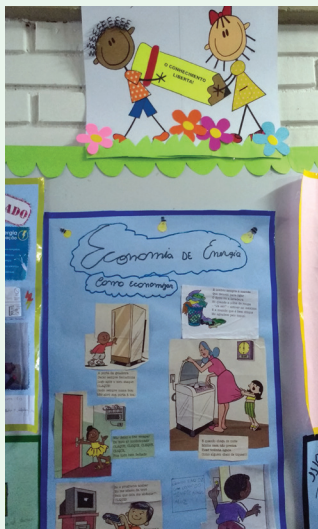
Mural III.B



Mural IV



Mural V



Mural VI

D) Para assistir:

“Ao mestre com carinho”, “O substituíto”, “Conrack”, entre outros, são filmes retratam a relação professor(a)-alunx, entretanto, é sempre um professor(a) que *chega* de um “*outro*” lugar, nunca x mestrx que *está* na sala de aula da escola em questão, quem consegue se reinventar diante das dificuldades dxs alunxs. Ainda assim, são recomendados.

Nosso objetivo é apresentar produções provocativas de reflexões acerca do racismo estrutural bem como as possíveis estratégias de superação. Para tanto, **selecionamos uma entrevista e dois filmes estrangeiros baseados em histórias de vida que vêm dialogar de pertinho com a nossa realidade. Assista e aproveite para refletir sobre os conceitos de PERSEVERANÇA, RESISTÊNCIA e RESILIÊNCIA, dos quais, nós negrxs precisamos a todo tempo para não sucumbirmos!**

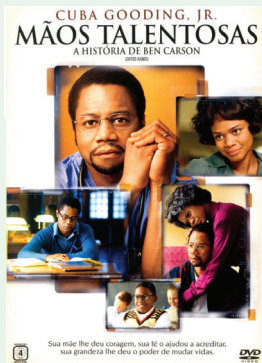
Entrevista



O menino Gustavo aparece em vários vídeos do site Geledés e de outros canais de internet. Escolhemos uma entrevista de 3 minutos e 21 segundos para aguçar a vontade de ver os demais.

3 min. <https://www.geledes.org.br/uma-aula-de-inclusao-racial-com-um-menino-de-10-anos/>

Filmes



Mãos Talentosas

1h 30min - Lançamento mundial: 7 de fevereiro de 2009



Estrelas Além do Tempo

2h 7min - Lançamento no Brasil: 2 de fevereiro de 2017

"Você pode ser o que quiser, desde que trabalhe para isso!"

D.1) Sugerimos que você veja também:

Oficina de Dança

Grupo N'zinga – Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte

Apresentação em Pinheiral em 20/11/2003

Duração: 4:04 <https://www.youtube.com/watch?v=FQiTsockVPg>

E) Para saber mais em endereços eletrônicos:

www.acordacultura.org.br - O projeto "A cor da Cultura" promove a valorização da cultura afro-brasileira através de ações afirmativas de forma coletiva com abrangência cultural e educativa;

www.ceafro.ufba.br - Educação e Profissionalização para a Igualdade Racial e de Gênero. Iniciativas com foco na identidade racial;

www.ceert.org.br - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. Organização não-governamental que produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da igualdade racial e de gênero;

www.falapreta.org.br - Fala Preta - Busca visibilizar temas que provoquem reflexões sobre o racismo estrutural e contribuam para o processo de (re) construção das identidades do povo negro;

www.geledes.org.br - Tem foco nas necessidades contemporâneas das mulheres negras;

www.mundonegro.inf.br - Mundo Negro é um portal de notícias diversas para quem se interessa pela temática racial;

www.palmares.gov.br - Fundação Cultural Palmares. Através de vídeos e depoimentos promove ações de preservação da arte e da cultura afro-brasileira;

www.portalafro.com.br – O Instituto Portal Afro visa a promoção de conhecimento, valorização e preservação da memória afrodescendente. Publicações artes(música, cinema, teatro), culinária, religiosidade, educação, moda, cursos, reportagens e eventos;

www.quilombhoje.com.br - Quilombhoje Literatura. A proposta do portal é incentivar o hábito de leitura, assim como discutir e aprofundar experiências na literatura e na cultura afro-brasileira.

F) Exercício: dialogue com imagens

Imagens sempre dizem muito, às vezes muito mais do que palavras.

Os murais I, II.A, II.B, III, IV, V e VI estiveram montados no corredor da entrada principal da E.M.J.M.H em períodos alternados ao longo de 2017.

Nem sempre foi assim, mas agora podemos ver a diversidade da escola representada nos corredores principais! Acreditamos que isso faz toda diferença para famílias, professorxs e estudantes!

3 Para começar

Busque o conhecimento! Posicione-se! Questione sobre o cerceamento dos direitos e das oportunidades, sejam suas ou de outxs! Divulgue, empreste, presenteie com materiais que tratem da temática racial. Faça deste livreto parte do acervo!

Referências bibliográficas

BRASIL. LEI nº 12.228, de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2011.

_____. Lei nº 12.711 de Agosto de 2012. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato_2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em 18/11/2017.

_____. Lei nº 10.639 de 9 de Janeiro de 2003 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 18/11/2017.

_____. Lei 12990 de 9 de Junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato_2011-2014/2014/lei/l12990.htm. Acesso em 18/11/2017.

CABORÉ; ONOFRE; FILHO, Heitor dos Prazeres. Lamento do negro. Intérprete: Dona Ivone Lara, 1982. Alegria Minha Gente - Serra dos meus sonhos dourados (WEA).

CERQUEIRA, Ana C. Empoderamento: Não é sobre o tamanho do seu black power. In: Questão Racial. 22/09/2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/empoderamento-nao-e-sobre-o-tamanho-do-seu-black-power/>>. Acesso em: 18/11/2017.

O DISCURSO DO ÓDIO. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso_de_odio>. Acesso em 20/12/2017.

ESTRELAS além do tempo. Direção: Teodore Melfi. EUA: Gênero: Drama./Biografia. (2h 7m).

FARIA, Wagner F. M. de. Caderno de Ideias – Diversos e diversidades nas aulas de Educação Física. Jogos, dinâmicas, debates e afins. Org. Wagner F.M. de Faria. UFMG -_Belo Horizonte, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel (1926-1984). Estratégia, Poder – Saber. Org.: Manoel B. de Motta; Trad.: Vera L. A. Ribeiro. _ 2 ed._ Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GASPARI, Elio. Um vice para Paulo Renato. Folha de São Paulo. 26/08/2001. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2608200118.htm. Acesso em: 20/12/2017.

GUSTAVO, Gomes dos S., 10 anos, dá uma aula de cidadania contra o racismo. Entrevista concedida a GVT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mo-on7ikYi4>. Acesso em 05 de Abril de 2017.

Igualdade das relações étnico-raciais na escola: Possibilidades e desafios para implementação da Lei 10.639/2003. SOUZA, Ana L.S; CROSO, Camila. (orgs). São Paulo: Petrópolis: Ação Educativa, Ceafro e Ceert, 2007.

JESUS, Rodrigo E. de; REIS, Juliana dos. Juventude e diversidade étnico-racial. Cadernos temáticos. Juventude brasileira e ensino médio. Licínia Maria Correa, Maria Zenaide Alves e Carla Linhares. (Orgs) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

KARNAL, L. Racismo é baixa inteligência e falta de caráter. IN: Discriminação e preconceitos. [02/01/2016]. Disponível em <<https://www.geledes.org.br>>. Acesso em 02 de Dezembro de 2017.

LGBT. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>. Acesso: 10/11/2017>.

MÃOS Talentosas – A história de Ben Carson. Direção: Thomas Carter. EUA: 2009. Gênero: Drama/Biografia. (1h 26m).

MENDÉZ, Chrystal. 18 expressões racistas que você usa sem saber. In: Casos de Racismo. Curta Mais. 19/11/2016. <<https://www.geledes.org.br/18-expressões-racistas-que-você-usa-sem-saber/>> Acessos em 08 de Outubro de 2017.

MENEZES, M. E. Metáforas reforçam preconceito racial. Entrevista concedida a Alexandra Leite. Dissertação lista expressões negativas sobre o negro Publicadas em jornais brasileiros, (1998). Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1203/pag4.html>. Acesso em 16/11/2017>.

METÁFORAS. <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/metafora-figura-de-palavra-variacaoes-e-exemplos.htm?cmpid=copiaecola>>.

MOREIRA, Ana C.; SANTOS, Halinna; COELHO, Irene S. A música na sala de aula – a música como recurso didático. UNISANTA Humanitas – p. 41-61;Vol. 3 nº 1, (2014). Disponível em: <<http://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/issue/view/39/showToc>>. Acesso em 07/12/2017.

MUNANGA, Kabengele. O nosso racismo é um crime perfeito. Entrevista concedida a Camila Souza Ramos e Glauco Faria. 09/02/2012. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/>>.

O PRECONCEITO cega. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aec-i7n6V48>>. Acesso em 05/04/2016.

PAIVA, V.L.M.O. Metáforas Negras. In PAIVA, V.L.M.O. (Org.). Metáforas do Cotidiano. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.105-11. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/metaforas.htm>>. Acesso em 28 de Outubro de 2017.

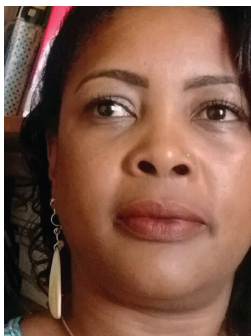
PETRUCCELLI, José L.; SABOIA, Ana L. (Org.). Características Étnico-Raciais da População: Classificação e Identidades. Estudos & Análises – Informação demográfica e sócio econômica 2_ IBGE, 2013. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=263405&view...>>. Acesso em: 18/02/2017.

REAGIR. In: DICIONÁRIO Aurélio Digital. Disponível Em: <https://dicionariodoaurelio.com/reagir>. Acesso em 20/12/2017.

RODOLFO, JONAS e VILA, Luiz C. da. Kizomba, festa da raça. Intérprete: Martinho da Vila. 1988.

WASELFISZ, Julio Jacobo - Mapa da violência homicídios por armas de fogo, 2016. SEPIIR/(SNJ), Flacso, Brasil, 2016. 110p. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf> Acesso em 20/10/2017.

UBUNTU. <<http://www.espacoubuntu.com.br/a-filosofia.html>>. Acesso em: 20/12/2017.



Nilma Alves Adriano possui os seguintes títulos acadêmicos pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG: Mestrado em Educação e Docência, Pós-Graduação em Educação para Relações Étnicorraciais e em Gênero e Diversidade. É graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Leciona na rede Municipal de Belo Horizonte/MG, atuou também como professora em Contagem/MG e como pedagoga em Sabará/MG.